

Quinzenário

Redacção e administração

Av. S. João, 96 (4.º and.)

terra roxa e outras terras

Assinaturas:

UM ANO

Brasil . . . 12\$000

Estrangeiro . . . 16\$000

Número avulso . . \$500

Directores: A. C. Couto de Barros e António de Alcântara Machado

Secretário e administrador: Sergio Milliet

Composto em maquinas Linotype Mergenthaler e impresso na "Typ, Paulista", de JOSE' NAPOLI & CIA. — Rua Assembléa, 56-58 — S. Paulo — Tel. Central 2192

UMA CARTA DE ANCHIETA

Está á venda na livraria Maggs Bros, de Conduit Street, em Londres, uma carta autographa do padre Joseph de Anchieta. E' escripta de São Paulo de Piratininga, de São Paulo do Campo como dizem as actas da Camara dessa epoca, e é datada de um domingo, 15 de novembro de 1579.

Para um Paulista é com intensa emoção que se lê esse documento, escripto em letra miuda e firme endereçado ao capitão-mór Jeronymo Leitão, loco-tenente do donatario, e que por esse tempo já iniciára a sua luta contra os Carijós. Escreve-o o padre Anchieta, do primitivo collegio toscamente elevado no alto da acropole piratiningana. Ao redor, nesse quieto dia de descanso, devia se lhe estender a vista por um largo horizonte de campos e matos. Avistava toda a varzea do Tamandua-tehy que até o Tieté, e dos lados da Tabatinguera percebia o traçado incerto do caminho para S. Vicente, na direcção da Serra do Mar, donde vinham ao cahir da noite as nuvens de friagem e garóa. Mais perto, junto ao edificio do collegio, feito de taipa, e encostado á pequena igreja, cultivavam os padres o seu pomar, cheio de frutas da terra e "marmellos, rosas, cravinas, e lyrios brancos".

Pelo espigão da collina ajuntavam-se os casebres do povoado, com cerca de 120 fogos de Portuguezes. Para o Oeste, muito mais longe, á entrada de um sertão mysterioso, por onde se sumia o escuro Anhemby, viviam aldeados indios mansos, num agrupamento de mais de 500 pessoas.

E nesse mesmo rumo, nas suas terras de Parnahyba, talvez ainda vivesse, cioso de independencia e rodeado de seus mamalucos, o patriarchal João Ramalho...

Na villa e nos arredores viviam os padres uma rude vida de missionarios, enfrentando perigos e duros trabalhos. "Perigos de cobras, perigos de onças e tigres" — escrevia Anchieta. Passagens de rios caudalosos, intemperies e nos descampados de serra acima o frio terrivel que impedia de dormir a maior parte da noite, nos matos, por falta de roupa e de fogo, "porque nem calça nem sapato havia, com as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e muí grossas e continuas".

Além dessa faina de conversão havia a preocupação constante da defeza da villa, sempre ameaçada por incursões de gentio brabo. Dessa luta continua surgirá no Paulista a idea de que o indio escravizado era inexgotavel fonte de lucro. Da catechese ia nascer a bandeira escravocrata.

Em 1579 Anchieta já era provincial da Companhia de Jesus, e estava em vespéras de partir para outras missões no Rio de Janeiro, Bahia e Espirito Santo. Ao deixar São Paulo dava em sua carta algumas providencias de missionario e administrador. Preocupava-o naturalmente a duvidosa sorte do collegio que deixava perdido nesse "sertão e cabo do mundo" como diria annos mais tarde o visitador Fernão Cardim

Numa tarde algodoada de nevoeiro, frio e caligem de novembro londrino, a carta do padre Anchieta evoca a visão da outra Piratininga de hoje, erguendo-se tumultuariamente, num claro dia de sol, dos antigos campos que tambem conhecera o jesuita. E' o documento de familia que dá á Cidade moderna o attestado de longa ascendencia que não possuem os novos-ricos. Da pobreza primitiva, heroica e fecunda, da "pauperrima e estreitissima ca-

APRESENTAÇÃO

Parece que este jornal, ao nascer, dá prova de uma coragem digna do Anhangüera: destina-se a um público que não existe. O seu programa é isso mesmo: ser feito para o homem que lê.

A nossa terra roxa, mercê de sua fertilidade complexa e exagerada, tem dado á luz tudo que é o sonho de uma imaginação de pioneiro: açúcar, café, aranha-céus, trens eléctricos, lança-perfumes, directórios políticos, omnibus, e até literatos. Tudo. Menos ali nesse banco de jardim inglês, ou nessa poltrona de varanda de bengalô, ou nesse clube, ou nessa rêde de fazenda, ou nesse pullman da Paulista, a entidade rara e inestimável que é um homem que lê. Pois é para esse homem imaginário, ou pelo menos ainda incognito como um rei em viagem de recreio, que decidimos imaginar, crear e jogar no mundo o TERRA ROXA... e outras terras.

Entre nós, o fenómeno é singular: não é o leitor á procura de um jornal, mas o jornal á procura de um leitor. Ensinemos esse leitor a lêr. Sem cartilha. Sem bolos. Sem premio de fim de ano.

Tres desejos levam o homem civilisado á leitura: o de se instruir, o de se divertir, o de fazer bonito deante de parentes, amigos ou conhecidos. TERRA ROXA fornecerá leitura para esses tres fins. Quem o lêr, com aquela assiduidade que sempre comove as administrações jornalísticas, poderá facilmente aprender, distrair-se e, como se diz no nosso admirável idioma italo-páubrasil, bancar o intelectual.

Ao ente hipotético e incerto, para quem compomos este quinzenário, oferecemos, como numa bandeja caipira, o repasto variado e succulento que convem a um appetite virgem: crónica literária, crónica artística, crónica filosofica, crónica musical e teatral, ensaios de critica, ensaios de história, creações de poetas, novelas, romances, todos os gêneros, menos, esperemos em Deus, esse gênero páu (ennuyeux em francoês), de que fugiremos como da peste.

Os trabalhos publicados obedecerão a uma linha geral chamada do espirito moderno, que não sabemos bem o que seja, mas que esta patentemente delineada pelas suas exclusões.

Camarada leitor: muito prazer e muita honra em descobri-lo.

sinha" de 25 de janeiro de 1554, cerca de quatro seculos mais tarde a semente plantada pelo jesuita fructificaria como talvez nunca o sonhára a sua imaginação de poeta e

de missionario. Todo o milagre dessa transformação está attestado no papel amarellecido da carta anchietana. Será possível que S. Paulo permita que o documento precioso

desappareça nalgum leilão de autographos, ou caia nas mãos dos avidos colleccionadores americanos?

Governo ou particular, dinheiro do Thezouro ou subscrição publica, seja como for, é preciso que o autographo de Anchieta volte para donde partio seculos atraz.

Custa 200 libras: o valor de trinta saccas de café.

PAULO PRADO

Uma suggestão para a origem da tristeza e liberalidade dos paulistas:

"Entrando-lhe algum hospede pela casa a hora e agazalho que lhe fazem é chorarem-no: entrando, pois, logo o hospede na casa o assentão na rede, e depois de assentado, sem lhe falarem, a mulher e filhas e mais amigas se assentam ao redor, com os cabellos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e comegam a chorar todas em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e ali contam em prosas trovadas quantas cousas têm acontecido desde que se não virão até aquella hora, e outras muitas que imaginam e trabalhos que o hospede padecera pelo caminho, e tudo o mais que pôde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não fala palavra, mas depois de chorarem por bom espaço de tempo limpão as lagrimas, e ficão tão quietas, modestas, serenas e alegres que parece nunca chorarão, e logo se saúdam e dão o seu Ereúpe, e lhe trazem de comer, etc.; e depois destas cerimoniaes contão os hospedes ao que vêm. Tambem os homens se choram uns aos outros, mas é em casos alguns graves, como mortes, desastres de guerras, etc.; têm por grande honra agazalharem a todos e darem-lhe todo o necessario para sua sustentação, e algumas peças, como arcos, frechas, passaros, penas e outras cousas, conforme sua pobreza, sem algum genero de estípendio".

(Extrairdo de Fernão Cardim. "Do principio e origem dos indios do Brasil")

A DANÇA DE S. GONÇALO

Atmosfera de cauda de príncipio Bodum.

Os homens formam duas filas deante do altar de S. Gonçalo. S. Gonçalo está enfaixado como um recém-nascido. Azul. Branco. Entre palmas de S. José. Estrelas no céu de papel de seda.

Os violeiros, encabeçando as filas, puxando a reza, fazem reverências. Viram-se para os outros. E os outros dansam com eles. Bate-pé no chão de terra socada. Pan-pan-pan-pan! Pan-pan! Pan! Pan-pan-pan! Pan-Pan! Páram. De repente. Inesperadamente.

Para bater palmas. Pla-pla-pla-plá! Pla-plá! Plá! Pla-plá-plá-plá! Pla-plá! Páram.

Para os violeiros cantarem, viola no queixo:

E' este o primeiro verso qu'eu canto pra S. Gonçalo...

— Senta aí mesmo no chão, Benedito!

E' este o primeiro verso qu'eu canto pra S. Gonçalo..

E o côro começa grosso, grosso. Rôla, subindo. Desce, fino, fino. Mistura-se. Prolonga-se. Óóóóh! Aaaa! Óaaóh! Óaiiiiih! Um guincho.

O violeiro de olhos apertados saúda o companheiro. E marcha, seguido pela fila. Dá uma volta. Reverências para cá. Reverências para lá. Tudo sério. Volta para o seu lugar.

— Entra, seu Casimiro! O japonês Kashamira entra com a mulher e o filhinho brasileiros de roupa de brim. Inclina a cabeça

deante de S. Gonçalo. Acocóra-se.

O acompanhamento das violas, feito de tres compassos, não cansa. Os assistentes enchem os cantos sombreados. No centro da sala de vinte metros quadrados, a lâmpada de azeite se agita.

Minha bôca está cantando, meu coração lhe adorando!

Cabeças mulatas espíam pelas janelas. A porta é um monte de gente. A dona da casa, desdentada, recebe os convidados.

— Não vê que meu defunto seu Vieira tá enterrado já, há dois ano... Faz mesmo dois ano agora no Natar...

Pan-pan-pan! Pan-pan! Pan! — A alma dêle está pensando af por êsse mundo de Deus, sem podê entrá no céu...

Pla-pla-pla-plá! Pla-plá! — Eu antão quiz fazê esta oração pra S. Gonçalo deixá êle entrá...

Vou mandá fazê um barquinho da raiz do alecrim...

O menino de oito anos aumenta a fila da direita. A folhinha da parede é do Empório Itália-Brasil. Garibaldi tem uma bandeirinha azul-verde no peito e ergue bem alto a espada.

Pra embarcá meu S. Gonçalo do promá pra seu jardim.

Desafinação sublime do côro. Os rezadores movimentam-se. Trocam de posição. Enfrentam-se. Dois a dois avançam, cumprimentam á es-

querda, cumprimentam á direita, tocam-se ombro contra ombro, voltam para seu lugar. O negro de pala é o melhor dançarino da quadrilha religiosa.

S. Gonçalo é um bom santo por livrá seu pai da força.

A noite cerca de escuridão a casinha de barro. Cigarros acesos são riscos de fogo nas mãos inquietas.

A dona da casa é viúva de um português. E amiga de um negro.

— Não vê que o Crispim tambem pegou uma doença danada... Não havia geito de sará... O coitado quiz até se enforcá num pé de bananeira!

Artá de S. Gonçalo, artá de nossa oração!

— Nois, antão, fizémo uma promessa. Que se Crispim sarasse, nois fazia esta festa.

Foi promessa que sarando será seu precurado!

A cabocla trata de salvar a alma do morto e o corpo do vivo. A filha bonitinha sorri, enleada. As violas têm um som, um som só. Chega gente.

S. Gonçalo táva longe, de longe já tá bem perto...

Um a um, curvam-se deante do altar. Gingam. O violeiro de olhos apertados está de sobretudo. Negros de pé no chão.

— Nois tamo mesmo emprestado neste mundo...

— Cantando, andam pela salinha quente.

Abençoada seja a mão que enfeitô este oratorio!

O preto de pala dá um tropicão engraçado. E a mulher de azul celeste ri, amamentando o filho. Mas os violeiros esgançam:

Da dansa de S. Gonçalo ninguem deve caçoá.

Óóóóh! Aaaaah! Iiiiiih!

S. Gonçalo é vingativo: êle pode castigá!

Silêncio na assistência descalça. As bandeirinhas desenham um X de papel sobre a cabeça dos dançarinos. Atrás da casa, tem cachaça do Corisco.

— Depois, é a vez das moça. Quem quizê pode pegá o S. Gonçalo e dansá com êle encostado no lugar doente.

Onde chega os pecadó, ajoelhai, pedi perdão!

O estouro dos foguetes ronca no vale estreito. São fagulhas os vagalumes. De uma fogueira que não se vê. Lá dentro, o mesmo ritmo. Faz já uma hora monotona.

S. Gonçalo está sentado com sua fita na cintura.

O caboclo louro puxa da faca e esgravata o dedão do pé.

— São seis reza de hora e meia, mais ou meno... Pro santo ficá satisfeito.

Lá no céu será enfeitado pla mão de Nossa Senhora.

Pan-pan-pan-pan! Pan-pan! Pla-pla-pla-plá! Pla-plá! Plá! Pla-pla-pla-plá!

NOSSA ENQUÊTE

Mas a final o que é o espirito moderno, Toda a gente fala em modernismo, em mentalidade moderna. Existe ou não esse espirito, essa mentalidade?

Existe! Não existe! "Terra Roxa" resolveu, por intermedio de seu colaborador Rubens de Moraes, fazer uma grande enquête para esclarecer ou obscurecer ainda mais o problema.

Oratório tão bonito c'uma luz a alumia!

Do alto do montão de lenha, a gente vê, no fundo, S. Paulo estirado. Todo aceso. Do outro lado, a Serra da Cantareira não deixa a vista passar. Nosso céu tem mais estrelas.

S. Gonçalo foi em Roma visitá Nosso Sinhô.

— Só acaba amanhã, sim sinhô! Vai até o meio-dia, sim sinhô! E acaba tudo ajoelado. Óóóóh! Aaaaah! Óaóóaaadh! Óóóóh! Parece um órgão, no principio. Canto-chão. No fim, é um carro de boi.

Senhora de Deus conveiso, Padre, Filho, Espirito Santo!

Quem guincha é o caipira de bigodes exagerados.

Cantareira (Granja Stta. Maria), Dezembro de 925.

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO